A “Pintura“ de Guilherme Parente, tem na sua componente temática, cromática e pictórica um sentido Universal, sendo uma obra salpicada de referências marítimas nas quais nós, Portugueses, nos podemos rever profundamente. A pintura de Guilherme tem um fortíssimo “sabor” a Mar, encontrando nele parte do seu espaço e horizonte. Os navios do sonho do artista, de âncoras e amarras soltas, são guiados, ora pelos ventos, ora pelas luzes do Atlântico ou pelas estrelas do Hemisfério Sul. Certas vezes as suas Naus atravessam mares de bonança, outras vezes, encontram-se suspensas entre o mar e a terra, navegado nos Sargaços ou afrontando águas tenebrosas ou monstros medonhos. A pintura de Guilherme projeta-nos assim na nossa história maior e na gesta das nossas navegações e dos nossos Marinheiros, nessa ligação permanente entre os 4 cantos do Mundo. As suas telas são palcos de um sonho permanente, onde as Naus partem em demanda de novas terras e mundos de novas especiarias, mas são também, seguramente, a procura de paraísos imaginários e afetivos.

Neste dia em que se celebra Portugal e o Mar, e num momento histórico em que provavelmente estamos com ânsia de novos sonhos, de novas partidas para novos horizontes, subaquáticos continentais, os navios que Guilherme Parente  colocou, “flutuando”, na Doca da  Caldeirinha, neste espaço onde a história e vida da Marinha tem séculos, são uma Homenagem à Marinha e aos seus Homens, e também à História de Portugal.

Tal como no passado, as suas “Telas Flutuantes” e as suas “Caravelas Pintadas” transportam-nos para um sonho de transposição das impossibilidades. Essas obras abrem assim, por via do imaginário e da criação, um espaço de reflexão para aquilo que o Mar Português pode representar no futuro. Basta interpretar o sonho e transpô-lo para a realidade, sonhando.

Paulo Santos – Membro da Academia da Marinha